

O Jornal - 23 de abril de 1944

Um estudo sobre Chaucer

Barbara Heliodora

Lendo o artigo do sr, A. Casemiro da Silva. Sobre Chersteton, pareceu-me injusto que a ênfase tenha sido colocada nos méritos de Chaucer como fixador da língua, em primeiro lugar, em segundo, o seu valor como romancista (que não foi).

Como estudante de Chaucer, creio que o autor de "The Canterbury Tales", não merece que nos esqueçamos da .significação política e social de seus trabalhos. Tendo tido ocasião de estudar as obras de Chaucer, bem como alguns dos muitos trabalhos sobre as mesmas, desejo dizer que o maior poeta medieval inglês não é tão desconhecido para os povos de língua inglesa quanto o artigo acima referido nos leva a crer. Chaucer, como Shakespeare, é hoje autor que nenhum estudante universitário nos Estados Unidos e na Inglaterra pode deixar de conhecer. Posso falar melhor sobre o seu estudo nos Estados Unidos, pois foi lá que eu aprendi a conhecê-lo e admirá-lo.

O estudo que fiz, durante um *ano*, de Chaucer, foi dos mais interessantes que já fiz, em minha vida. Talvez mesmo por ser ele um autor medieval, e todas as alunas o considerarem um curso difícil, maior do que nunca, foi cuidado da professora levar as suas alunas a apreciar Chaucer, levando-nos a lê-lo sem referências ou comentários por demais acadêmicos, porém sabendo muito bem que ninguém pode ler Chaucer sem alguma preparação

Há dificuldades de varias ordens no estudo das obras do grande mestre; as de língua, que são as que o estudante sente em primeiro lugar, particularmente se ele não for habituado, desde o princípio, a ler alto, com a pronúncia da época, e procurando, uma a uma, no glossário que vem sempre com o texto, as palavras, que apresentarem. a menor dificuldade. Só assim pode o estudante chegar a ler Chaucer com real facilidade. Na própria questão da linguagem, há vários tipos de obstáculos a serem encontrados; há palavras de origem anglo-saxônica que vieram a desaparecer da língua, substituídas por palavras de origem latina, e outras que, embora usadas até hoje, e por isso nos pareçam simples, mudaram completamente de sentido. Além disso, no período de Chaucer, as inflecções verbais, ainda eram muito' mais próximas do germânico do que são hoje, sendo comum acharmos o uso do prefixo "ge ", por

exemplo, para a formação de participio passado.

No entanto, as dificuldades de língua não são as maiores; o mais difícil, em Chaucer é o uso extensivo da alegoria em seus poemas. Mais de uma vez serão encontrados poemas, para os quais uma ou duas interpretações são aceitas como as mais plausíveis, como é o caso de a “Legend of Good Women”. em cujo prólogo, aparece uma figura de mulher, que se pensa ser a rainha Anne, embora haja muitos que combatam a idéia; há outros, como “The Parliament of Fowles”, sobre os quais há tantas teorias que nenhuma chega a ser o que se poderia dizer a preferida. De fato, mesmo os poemas de forma mais leve, em Chaucer, têm sempre uma significação de origem política, ou social. Todos os seus poemas longos são alegóricos; mesmo em “Troilus and Criseyde”, que se refere realmente a dois personagens de romance, encontramos severa crítica social, e condenação indiscutível, do famoso e largamente aceito sistema do “courtly love”, a sistematização do comportamento amoroso, criada na corte de Marie de Champagne, a filha de Eleonor de Aquitania.

Eis como cheguei a ler Chaucer: antes de chegar até o mestre, passamos por um período de preparação, de varias semanas, durante o qual estudamos o ciclo Arturiano e o ciclo germânico dos romances medievais, observando como os temas se apresentaram nos diversos países, e como os heróis da lenda do Santo Graal foram, pouco a pouco, com o fortalecimento da tradição de “courtly love”, foram sendo divididos em dois grupos: os heróis religiosos e os heróis amorosos; Launcelot du Lac e Tristão, por exemplo, foram adaptações do herói do romance à tradição de amor cortês, enquanto Parsifal, Gawain e Galahad mantiveram a tradição religiosa. Este estudo foi seguido pelo das baladas medievais inglesas, e leituras de autores medievais franceses e passagens de crônicas sobre a época, para chegamos, afinal, a uma compreensão maior do espírito da atmosfera em que Chaucer escreveu.

Devido à sua posição de protegido do duque de Lancaster, John of Gaunt, o duque mais poderoso da Inglaterra, Chaucer foi sempre um poeta da corte; a proteção de Gaunt significava não só a aceitação de uma atitude política, como também uma platéia constante, o que é bem mais importante para um poeta. É, talvez, no ser ele um poeta da corte, mas ter conseguido dizer tudo o que quis, que penso se achar o maior mérito de Chaucer.

O autor de “The Canterbury Tales” viveu numa época de nenhuma liberdade literária, sob o ponto de vista de forma, e

muitos de seus poemas se enquadram na longa série de “poemas de sonho” que apareceram na Idade Média; a maior diferença entre Chaucer e os outros autores é que se um deles, por exemplo, escrevia um poema da série Marguerite, ele muito provavelmente se referia à sua amada, enquanto que Chaucer, ao usar o tema da Margarida no prólogo da “Legend of Good Woman”, por exemplo, quando descreve os trajes de Cupido e Alceste, o rei e a rainha do amor, traz à baila uma das maiores polêmicas filosóficas de seu tempo: a da flor e da folha, ou seja, a da filosofia ativa e da contemplativa. E mesmo o resto do poema, a história de várias mulheres que teriam sido fiéis ao seu amor, é fundamentalmente uma crítica ao sistema do “courtly love”, onde era observada o que foi chamada a religião do amor, pois escreve a vida de Dido, Cleópatra e outras, exatamente à maneira da descrição da vida dos mártires do catolicismo na *Acta Sanctorum*.

De todas as muitas qualidades de Chaucer como autor literário, a mais extraordinária é a sua incrível capacidade para caracterizar seus personagens em poucas palavras – ele lhes compreende a fundo a essência, e suas descrições nos falam exatamente dessa essência. É sob esse aspecto que Chaucer é, realmente, o pai de toda a ficção moderna. O prólogo dos “Canterbury Tales” mostram, pela primeira vez na literatura inglesa, e talvez de toda a literatura, observação e descrição psicológicas dos personagens, concisas e precisas. No grupo de peregrinos que vão a Canterbury, não estão figuras imaginárias que sabemos serem irreais, mas preciosos retratos de homens e mulheres que encontraríamos nas ruas, se vivêssemos na Idade Média, e alguns deles de tal maneira universais que ainda os podemos encontrar hoje, nas ruas de qualquer cidade, de qualquer país.

Chaucer usa tais personagens para louvar o que admira, e criticar o que julga ser errado. Tendo respeito pela religião, via naquele momento a igreja cheia de elementos perniciosos que estavam aproveitando a situação para tirar vantagens pessoais; e o que William Langland fez com a maior seriedade e piedade em seu poema “The Vision of William Concerning Piers The Plowman”, ou seja, condenar a desintegração moral da Igreja, Chaucer fez, no mesmo momento, tendo o cuidado de usar uma quantidade generosa de compaixão, e seu inesgotável senso de humor.

Chaucer não foi, de maneira alguma, um poeta desconhecido em seu tempo, nem figura apagada fora das suas atividades literárias; pelo contrário, ocupou vários cargos públicos de grande responsabilidade, e por três ou quatro vezes, não é bem certo

quantas, foi ao continente em missões diplomáticas, provavelmente duas na França e uma na Itália. É verdade que Chaucer foi influenciado por autores dessas duas nações latinas, mas as suas maiores obras foram escritas para ingleses e sobre assuntos da Inglaterra, que se escondiam debaixo das formas estrangeiras.

O Chaucer que o mundo já está começando a conhecer e deve conhecer muito mais é um Chaucer puramente inglês, pois os “Canterbury Tales”, a maior obra desse grande poeta, infelizmente uma obra inacabada. Esse foi o primeiro grande poema escrito na língua inglesa, como ela finalmente se veio a firmar, e para ingleses que, pela primeira vez desde a conquista Normanda, quase três séculos antes, aceitavam a língua pátria como língua literária. Além do mais, fala sobre uma peregrinação de ingleses a Canterbury, lugar de peregrinação a um santo inglês, Thomas Becket.

Aos que me possam vir a ler, desejo apenas que também se interessem pela obra do grande poeta, e o tornem mais conhecido no Brasil. O sr. Casemiro da Silva terminou o seu artigo dizendo que Chesterton havia colocado Chaucer num pedestal, onde pedia aos ingleses: “Aqui tendes o pai da vossa língua: venerai-o”. Eu também faço este pedido, mas não deixem que a veneração torne Chaucer um autor ainda mais longínquo do que ele é. Conhecendo-o, verão como ele tem, no grande tesouro que nos legou, um pouco para dizer a cada um de nós.